

O que fazem as mães? (Mães Lacanianas)

Marcus André Vieira e Romildo do Rêgo Barros

I - Hans e a mãe do desejo ♦

Abertura

Marcus: Em meu nome e no de Romildo dou a todos boas vindas para estes seis encontros com o título “Mães Lacanianas” que, parece, interessou.

Queria, para começar, dar a vocês uma ideia de como surgiu este tema. Assistíamos a uma conferência de Eric Laurent na preparação para o quinto ENAPOL (Encontro Americano de Psicanálise de Orientação Laciana) aqui no Rio. Era uma conferência sobre o autismo, que aconteceu na Academia Brasileira de Letras. Comentando sobre as mães e os pais de hoje ele recordou uma tirada de Jacques-Alain Miller numa conversação clínica: os pais sumiram, então, talvez sejam as mães hoje aquelas que desempenham a função paterna. As mães desempenhando a função paterna? A princípio não seria tão estranho. É uma função e justamente por isso ela não se confunde com aquele que a desempenha, não está necessariamente condicionada nem mesmo ao sexo biológico de quem a sustenta. Poderíamos até mesmo imaginar uma mesma pessoa desempenhando as duas funções, mãe e pai. Por que não? Mas será, então, que a função paterna, tal como Lacan descreveu, estaria mudada pelo fato das mães estarem desempenhando-a? Começamos por aí.

Depois a coisa caminhou, em vez de nos concentrarmos na função, resolvemos alargar o foco, abordando a cada vez uma figura materna. Apesar da pluralidade, entendo este percurso com as mães como um modo de interrogar o outro lado da moeda laciana. Porque o lado paterno é bastante conhecido. Ele é até usado como argumento contra Lacan, como se ele descuidasse da mãe por tanto falar em pai.

As “mães lacanianas” são nosso modo de acessar as ferramentas desenvolvidas por Lacan com relação à família e à subjetivação necessária para uma criança dizer “Eu sou eu” a partir de outro ângulo. Queremos revisitar a maneira como alguém se constitui em seu corpo, em seu gozo, em sua identidade no campo social, neste jogo que Freud chamou Complexo de Édipo e também complexo de castração e que Lacan retomou, logificando-os e formalizando-os em um só processo que chamamos desde então simplesmente de “Édipo”.

Assim procedendo estaremos ao mesmo tempo interrogando os limites da função paterna. Onde foram parar os pais? E os sujeitos da culpa? Onde foram parar os neuróticos? Quais seriam os limites da função paterna como ordenadora da subjetividade?

A função paterna será entendida aqui como Lacan define o pai: *aquele que enlaça a lei e o desejo*.¹ Aquela função que faz com que em um mesmo ponto se concentrem um movimento pulsional e uma ordenação subjetiva.

Assim definida a função paterna, destaca-se como o Édipo é geral e dotado de universalidade, pois afinal de contas parece que sempre será preciso articular lei e desejo para que se possa viver. No entanto, desde o início, nem Freud, nem Lacan deixam de assinalar outras maneiras de ordenar, de enlaçar desejo e ser. Destacaram como outras configurações subjetivas são possíveis, e a psicose, neste ponto é paradigma.

Porém, se caminhamos com a mãe não é para assumir que ela seria uma alternativa. A função paterna não tem sentido sem a presença materna, e vice-versa. Isso inclui afastar a ideia de que ela estaria antes do pai. Por isso falei em outro lado da moeda. É o que complementa e às vezes se contrapõe, mas que sempre se coloca em articulação com o pai para produzir, para uma criança, uma possibilidade de existência. Não significa dizer que ela estaria antes, que seria um momento anterior, mais primitivo, mais ancestral, que normalmente se define com o adjetivo *pré-edípico*.

Pré-edípico não! Vamos dizer logo de saída. Se começássemos a valorizar o pré-edípico não estaríamos falando em mães lacanianas, mas em mãe arcaica etc. No plano edípico é verdade que a mãe marca um desejo original, digamos, o lugar de onde eu vim, no mesmo plano, o pai de alguma maneira marca um lugar para onde eu vou. No mesmo plano. Não significa que eles definam dois momentos, duas realidades. Eles estão articulados desde o início. Dar realidade demais a uma mãe pré-edípica nos levaria necessariamente a uma condução do tratamento baseada no evolucionismo. Como se fossemos buscar o mais profundo, primitivo e verdadeiro. Se partimos nessa busca, sempre encontramos lá no fundo Deus. O evolucionismo é sempre teológico, para frente ou para trás. E essa é a ruptura fundamental do Lacan quando fala em criação *ex-nihilo*, do nada, em seu *Seminário 7*.²

As mães lacanianas se situam em contraponto ao pai, eventualmente fora da função paterna, eventualmente funcionando num outro sistema de constituição da subjetividade, que não o sistema paterno. Mas não num sistema anterior, prévio. Então, ao invés de pré-edípicas nossas mães serão *para-edípicas*.

A de hoje é uma exceção. É uma mãe edípica, a mãe de Hans. Para hoje pensamos em retomar a função paterna e a mãe edípica tal como Lacan a considerou, localizou, sobretudo em dois seminários, o *Seminário 4* em que trata dela e o *Seminário 5* em que dá ênfase ao Édipo. Achamos que assim teremos um solo comum para partimos para as outras mães. A primeira idéia foi começar com esta mãe, que Romildo chamou de “mãe clássica”, a mãe de Hans.

No próximo encontro, veremos a mãe de Almodovar. Não a dele, mas a dos filmes *Fale com Ela* e *Tudo sobre minha mãe*. A referência textual é a “Nota sobre a criança”, nos *Outros Escritos* em que figura uma muito conhecida indicação de Lacan sobre a criança como objeto da fantasia materna.³

Depois, terceiro encontro, a mãe de Joyce. Ram Mandil, nosso amigo e colega de Minas, já concordou em nos ajudar. Ele vai nos enviar um texto a ser retomado aqui.

Talvez ele esteja presente em forma virtual. A referência será a célebre passagem sobre um ambiente fora do campo do nome do pai como “Ordem de Ferro”.⁴

A seguir será a mãe da devastação. Estamos num debate sobre qual será um bom filme. Mas o *Cisne negro* parece ser um boa pedida, talvez o *Sonata de Outono* de Bergman. A referência será a conhecida passagem de o “Aturdido” sobre o tema.⁵

Finalmente, outra mãe, a avó. Com ela tentaremos explorar uma última referência conhecida aquela em que Lacan define um pai como aquele que faz de uma mulher sua causa de desejo e cuida dos objetos “a” dela, seus filhos.⁶

E, por último, o sexto encontro: “será o analista uma mãe?”.

A metáfora, do mito à estrutura

O Édipo é a maneira de definir uma normatização, a passagem do pan-sexualismo de uma criança “polimorfa perversa”, segundo Freud, a um ser sexuado, com posição definida na partilha sexual, ou seja, tendo um objeto prevalente e não qualquer um. Se abordar o Édipo como se tudo começasse pela mãe, nos faz tender para o evolucionismo, a melhor maneira de evitar este perigo é acentuar o modo como Lacan propõe o Édipo como uma travessia do tipo “tudo ou nada”.

Para isso Lacan faz todo este grande processo subjetivo caber em uma fórmula. Não há primeiro uma mãe, depois um pai finalmente uma criança, mas há um sujeito que se constitui a partir de uma metáfora. Vocês vêem que a primeira operação do Lacan é sair do romance e passar para a estrutura, sair do conto edípico e passar para um funcionamento, que ele vai buscar na linguagem. Ele diz:

Afirmar que na estrutura que promovemos como sendo a da metáfora residiam todas as possibilidades de articular claramente o complexo do Édipo.⁷

Fiquei de fazer esta abertura para situar a operação edípica neste plano. A de uma figura da linguagem, que ocorre o tempo todo e não um drama. A seguir Romildo trará o modo como Hans, seu pai e sua mãe dançam esta dança que termina produzir uma metáfora que enlaça lei e desejo.

No momento em que Lacan passa de uma história localizada, contextual para uma situação que, a princípio, acontece o tempo todo na linguagem ele está deslocando a ênfase, em vez do romance suas etapas fundamentais, em vez do mito a estrutura. Um primeiro efeito é que alargamos o escopo do Édipo de uma maneira impressionante. Não é preciso que estejam em ação um pai e uma mãe da realidade, muitos podem ocupar seus papéis no enredo deste Édipo formalizado. A ponto de a gente pensar que a metáfora paterna seria sinônimo de linguagem. Muitos tomaram as coisas assim: função paterna como sinônimo de ordem simbólica, como Lacan usava na época, sinônimo de qualquer discurso. No entanto, na mesma hora, no mesmo seminário já havia ao menos um para-Édipo, a psicose. O horizonte edípico não vai até o infinito, há um campo da metáfora paterna, mas esse campo é finito. Pelo menos, será nosso pressuposto. Hoje somos obrigados a levar a sério o campo da metáfora paterna como um campo finito, pois parecem pulular outras formas de subjetivação.

Mas o que é exatamente uma metáfora? Estamos habituados a falar da metáfora paterna como se fosse a intervenção do pai. Mas de onde Lacan tirou a ideia de que aquilo ali podia ser chamado de metáfora?

Tradicionalmente a metáfora é definida a partir de duas ideias, a de comparação e de transposição. Foi definido isso desde Aristóteles. Se trato fulano como um leão, isso é uma metáfora. Porque ele não é um leão, mas ele é tão bravo quanto o leão. Os dois são bravos. A metáfora seria basicamente comparação. E transposição da situação agressiva de uma fera para a situação agressiva de um homem.

Fui procurar no *Wikipedia* e a primeira metáfora que apareceu foi a do Fernando Pessoa, em “Tabacaria”, bem mais bonita do que fulano é um leão. Fiquemos um pouco com ela:

Meu coração é um balde despejado.

Vejam a comparação e a transposição. Fica claro também o efeito poético da metáfora. Então isso pode se escrever como um primeiro significante, um segundo significante, e pela articulação dos dois produz um efeito de sentido, que Lacan marca na *Instância da Letra*, como mais (+).⁸

S (+) S'

Esse efeito de sentido é imponderável, não se reduz a um terceiro sentido. Sei que meu coração é um coração, sei que ele é como um balde, mas entre balde e coração, disse algo sobre meu coração que vai além de cada um destes sentidos e além também da soma deles. Entre balde e coração, localizo alguma coisa imponderável, fisgo um real.⁹

Do significado ao significante

Fazer a base da metáfora uma comparação supõe que cada um dos dois tenha sentido prévio a essa comparação. Seria por isso que eles podem ser comparados. O coração é exagerado, o balde é exagerado, coração e balde podem se comparados porque este sentido seria anterior às palavras em questão. Essa definição clássica de metáfora e este seu platonismo será recusada por Lacan, porque justamente a ideia dele é que os significantes produzem a comparação e não a comparação situa o significante. No momento em que o Fernando Pessoa faz a metáfora, um balde é um coração e eu nunca ia imaginar isso antes. O pareamento balde e coração localiza um real novo. Não é tão fácil de ver. Não é tanto a comparação que produz a metáfora, mas uma metáfora que produz a comparação, retroativamente.

Sem isso seria impossível aplicar a metáfora ao Édipo. Porque a metáfora paterna não se dá entre duas ideias prévias. Justamente a criança não tem o significado de “pai” e “mãe”, senão estaríamos no plano do instinto, de um saber prévio. O humano se caracteriza por não saber e é a própria metáfora edípica que lhe dará o pouco saber necessário para seguir adiante.

Lacan dá um exemplo de Rimbaud para demonstrar como uma metáfora é criacionista e não fruto de uma saber prévio. É o seguinte:

O amor é um seixo rindo ao Sol.¹⁰

É comparação, mas onde está a base prévia comum? Pensei em outro, mais didático, mesmo se menos feliz, em que tanto a comparação quanto a ruptura com ela está evidente. É do Leminski:

Antes é antigo

chove vinho sobre um campo de trigo.¹¹

Há uma articulação entre dois temas em “chove vinho num campo de trigo” e há uma produção de sentido, um *plus* que vem se adicionar a “antes é antigo”, vem redefini-lo. A articulação entre “chuva de vinho” e “campo de trigo” cria um sentido novo para “antes é antigo”. Então, não é a comparação que define a metáfora, mas a articulação de duas ideias.

É uma articulação ordenada, porque uma ideia vem incidir sobre outra podendo fazer com que a primeira nem seja mais dita, mas de todo modo as duas estão presentes. Dessa forma Lacan vai definir a metáfora: uma substituição. A ideia “chove vinho” vem cair sobre o “campo de trigo”, produzindo um + (mais) de sentido. Por isso a fórmula dele usa a barra um pouco mais complexa do que a que escrevi:

$\underline{S'}(+)$

S

A barra define esta substituição como uma relativa submissão do termo inicial ao novo termo, sem que se trate de uma substituição que o elimina. Ele apenas fica sob a barra.

Para concluir essa pequena revisão de linguística lacaniana, é preciso entender que não são duas ideias, mas dois significantes. Não são as ideias que produzem o efeito poético. Não são ideias, mas os termos, usemos “palavras” para simplificar. As palavras carregam com elas sentidos, ao menos um, mas o que são estes sentidos? Apenas mais palavras, porque o sentido último, o real da coisa em questão, não pode ser dito em si. Então a cada vez um ou mais. É exatamente porque cada palavra do binômio conjugado pode ter vários sentidos que essa conjugação fisga um real. Se fossem apenas duas palavras, cada uma com seu sentido fixo, não haveria este efeito poético em toda sua dimensão. Vejam o exemplo de um autor da linguística:

Aquela mancha na porta

Isabel está na porta

O carro está na porta.¹²

De que *porta* nós estamos falando? É o mesmo significante para coisas completamente diferentes. A articulação entre os significantes fisga um real distinto e fixa lugares e objetos distintos. É o que Lacan vai dizer ao desenhar duas portinhas idênticas, com as letras “H” e “M” em cima. Não há nada no real que defina naturezas diferentes, mas a articulação entre os significantes e seus variados sentidos em uma cultura dada que produz um mundo de diferenças. É porque o significante é criacionista, reparte e produz que temos um mundo de “segregação urinária” nos termos de Lacan.¹³

Por isso a fórmula completa de Lacan tem a seguinte estrutura:

$$\frac{\underline{S}}{S'} \cdot \frac{\underline{S}}{S'} \rightarrow \frac{\underline{S}}{S'}(+)$$

Um significante (S) com sua idéia (S', que é sempre outro significante), junta-se a outro significante com a sua idéia e produz-se uma substituição com um "a mais" de sentido.

Ex-nihilo

É exatamente esta operação que ele vai propor para traduzir o Édipo freudiano em termos mais universais e menos vitorianos. A metáfora paterna seria um caso especial de metáfora. A metáfora é o que acontece espontaneamente na linguagem para que alguém possa situar um real. O real que eu não posso dizer, continuo não dizendo. Mas no momento que eu o metaforizo eu o encaixo entre dois significantes. A metáfora permite que a gente localize o real na linguagem ou que a linguagem traga para gente um real, que de outra maneira seria apenas inefável. Não. Ele está ali. Esse é o efeito poético. Com a metáfora paterna Lacan assume que efeito poético não é um efeito teórico. É o meu corpo que é interpelado, tomado e mobilizado por ele. É o que vai acontecer com a criança. Ela vai se constituir, se engendrar como sujeito de si, dona de uma identidade e um corpo sexuado a partir da metaforização de um real primordial.

Só que é uma metáfora muito especial porque ela junta significantes muito especiais. Para começar uma mãe que é tudo, mas logo depois é nada. Ela entra e sai. É presença e ausência. É o máximo que a criança, ainda quase nada, pode dizer dela. Em seguida, o segundo significante é um pai que também não é nada em si, é apenas algo que no discurso da mãe marca um vazio. Essa, que é tudo ou nada (mesmo quando está ali e é tudo), tem algo que lhe escapa, que ela não tem a deseja. Mas o que é isso que ela deseja, é outra coisa que não ela. Mas como ela é tudo essa outra coisa só pode ser puro vazio.

É por isso que Lacan define o Nome do Pai e não o Pai. O que é um nome de um pai? Na verdade "nome do pai" é uma má tradução. *Nom* em francês é sobrenome. Melhor seria perguntar: o que é o sobrenome do pai no discurso da mãe? Nada, nenhuma qualidade ou ideia em si, apenas a marca de um vazio.

O sobrenome do pai agindo sobre o desejo da mãe, a articulação poética ou metafórica entre eles produz um lugar no real e é nesse lugar que vai entrar a criança para se localizar como sujeito. Sou qualquer coisa entre os dois e a partir daí posso me endereçar para o lado onde há possibilidade de saber, o lado Nome do Pai, que é o lado propriamente significante, já que o lado "Mãe" é apenas o de um desejo sem sentido. O que é essa coisa na qual estou imerso? Chamemos de mãe. É essa coisa que vem se combinar com um sobrenome produzindo um efeito de localização subjetiva.

Todo este percurso produz em nós, espero, o sentimento de que temos uma matriz. Ela vai contra o evolucionismo. É tudo ou nada, *ex-nihilo*. Cada um vai habitá-la a seu modo porque ela é feita de significantes vazios e não de significados. Dessa forma, cada um vai poder preenché-la com os sentidos de sua existência.¹⁴

O desejo da mãe

Romildo: Esse curso está partindo de uma concepção clássica sobre o papel e a função da mãe. Eu queria, aliás, propor uma definição: nessa concepção clássica da mãe é aquela que define a mãe como equivalente a um desejo. Mãe = um desejo. Isto vai um pouco no sentido do que Marcus André falava agora no fim. A mãe não é um sujeito, a mãe é um desejo. Como todo desejo, ela tem um objeto que poderíamos chamar de ilimitado. Esse desejo determina o lugar da criança no mundo, que por sua vez não é ilimitado. A criança vai surgir como significação desse desejo, ou seja, como ponto de interrupção no que há de ilimitado no desejo materno.

Na “Interpretação dos Sonhos”, Freud diz que o homem que teve a preferência da mãe enfrenta melhor a dureza da vida, está fadado ao sucesso. Freud sabia do que estava falando, porque ele próprio era um desses homens. Também em 1917, em um artigo, que vale realmente a pena ler, sobre um trecho das memórias de Goethe, chamado “Uma recordação de infância de *Dichtung und Wahrheit (Poesia e Verdade)*”¹⁵, Freud diz a mesma coisa. Tampouco é casual Freud ter se servido de Goethe, que é o autor mais citado por ele, para se situar tão claramente.

Queria ver se a gente consegue situar uma virada, que seria de Freud ao Lacan clássico. Não o Lacan final, mas o Lacan clássico. Para isso, tentarei situar uma diferença entre Freud e Lacan, justamente em relação à mãe. A predominância do desejo materno, por exemplo, o fato de que um sintoma é engendrado pelo desejo materno em relação ao filho, e não pelo desejo do filho pela mãe. Em geral Freud tratou o desejo edípico como desejo do filho pela mãe que encontra a oposição, o ódio, a hostilidade do pai.

Freud fala da primazia do desejo da mãe, se não me engano, em poucas ocasiões. Lembro-me da passagem em que trata da hostilidade quase natural das filhas em relação às mães.¹⁶ Por que essa hostilidade, pergunta-se Freud? Sua resposta é que além da filha não dispor do representante anatômico do falo, a mãe a teria seduzido através dos seus cuidados. Parece-me importante, então, pensar que, justamente nessa articulação dos cuidados corporais com a excitação erótica, é que a mãe adquire uma importância que nunca mais vai ser dada a ninguém. Isso pode ser posto em correlação com a particular dificuldade que tem a filha em sair do Édipo, pelo fato de que a relação com a mãe não é possível de ser resolvida. A menina não teria, por assim dizer, a moeda de troca necessária para resolver a falta da mãe.

Na fórmula da metáfora paterna¹⁷, que é uma adaptação da fórmula da metáfora proposta por Lacan em “A instância da letra no inconsciente”, de 1957¹⁸,

$$\frac{NP}{DM} \cdot \frac{DM}{x} \rightarrow NP \frac{A}{\Phi}$$

vemos que Lacan situa a mãe-desejo, vamos chamá-la assim, como uma quase consequência da incidência do significante do pai. É o outro lado da moeda. O desejo da mãe não é propriamente uma identidade, e nem prévio ao significante. Quer dizer, trata-se de alguma coisa que somente existe em relação com o significante do nome do pai. Sem o significante do nome do pai não há desejo materno. Não podemos tratar esses símbolos, NP/DM, sem essa articulação, que é essencial. Se não há o significante que relativiza o infinito do desejo da mãe, pode-se chamar de outra coisa, de gozo,

mas não de desejo materno. A função do nome do pai seria de tornar relativo um apetite, que sem ele seria infinito. A virada que se daria, esta é uma hipótese a ser trabalhada, é que enquanto Freud deu muito mais importância ao desejo edipiano do sujeito, ou seja, do filho, Lacan, a partir do *Seminário 4*, inverte isso e dá importância à demanda materna.

No final das contas, o destino do filho, que aparece como incógnita, vai ser definido a partir da articulação entre um significante e essa função misteriosa do desejo da mãe. Não dá pra tratar isso separadamente. A definição do que é uma mãe até poderia ser ampliada: uma mãe é *seu desejo + as consequências simbólicas do nome do pai*. É uma definição paradoxal, porque situa de saída algo, o desejo da mãe, que a rigor só vai existir no final da operação metafórica. Mas se esse desejo exige as consequências do significante para existir, como pode ser chamado de desejo? Existe uma certa circularidade na fórmula. O objetivo da metáfora paterna é definir a incógnita. Nós podemos dizer que essa incógnita pode ser o lugar do filho no mundo como objeto de um desejo.

O desejo materno puro, hipotético, o desejo que não existe na realidade, e que seria isento da relativização do significante do Nome do Pai, equivale a um gozo e não a um desejo, uma vez que o seu objeto é fixo e predeterminado.

Dialética do engodo

No *Seminário 4*, sobretudo quando trata da fobia de Hans, Lacan faz uma virada que pode passar imperceptível. Lacan situa a fobia, o recurso à fobia, como uma tentativa, através do apelo a um substituto do pai, que no caso Hans é o cavalo, de fazer barreira a a um apetite que é por hipótese infinito. É por isso que Lacan vai dizer que a fobia supõe uma falha do pai real.¹⁹ Não o pai imaginário e nem o pai simbólico, mas o pai real. Há uma função que não foi exercida ou que não foi suficientemente exercida. O sintoma fóbico vem ocupar esse lugar.

No caso de Hans, a angústia começou sob a forma de uma agorafobia. O menino entrava em pânico quando saía de casa. A escolha do cavalo foi uma saída, no sentido de que finalmente algo do simbólico se fixou e permitiu a Hans andar pela rua. Como sabemos, a neurose de Hans foi desencadeada a partir de dois acontecimentos importantes. Um foi o nascimento da irmã Hanna. Seria interessante abrir o artigo de Lacan de 1938 sobre a família, procurar a parte sobre o “Complexo de Intrusão”, e pensar no caso Hans.²⁰ O segundo fator desencadeante foram as primeiras experiências masturbatórias de Hans. Se vocês prestarem atenção, vão ver que a formação do sintoma neurótico exige um certo luto, um luto da posição de objeto único, que não é pelo fato de ser impossível que não é desejado. E quando falo de luto, estou me referindo à maneira como Freud o entendia, ou seja, como um trabalho de elaboração simbólica que exige, retroativamente, o funcionamento de um significante como operador simbólico, o Nome do Pai.

No relato do caso Hans, até onde posso me lembrar, só em uma passagem Freud fala da fobia de Hans como efeito da demanda materna, e não como desejo que Hans teria pela mãe. E assim mesmo não é Freud que está falando, mas o pai de Hans.²¹

Era um tempo curioso. Os alunos de Freud que tinham filhos escreviam para Freud relatando as experiências sexuais das suas crianças de 3, 4 anos, porque todos tinham interesse em desvendar os mistérios da sexualidade infantil. E Max Graf, o pai de Hans, também escrevia, contando as descobertas que ia fazendo em relação à sexualidade do filho. Um belo dia ele escreve para Freud dizendo que infelizmente já não se tratava das observações sobre a vida sexual normal do filho, mas do material de um caso clínico. É nessa carta, na qual apresenta Hans como paciente da psicanálise, que Max Graf afirma que a superexcitação sexual do filho é certamente provocada pela ternura excessiva da mãe.²² Afora essa passagem, e mais alguma outra que não me ocorre agora, Freud centra a questão em torno da demanda amorosa e sexual de Hans em relação à sua mãe, tendo o pai como rival. É evidente que Freud já compara o pai com o cavalo, mas no sentido de uma posição ambivalente de Hans. Estou situando assim para dar um certo quadro de realidade ao que estou chamando de mãe clássica, que me parece que a mãe de Hans, a Sra. Graf, pode representar ao longo deste curso.

Seria então esta a minha primeira pergunta: será que é demasiado pensar que com Lacan, em torno do *Seminário 4*, ou a partir dele, existe uma virada definitiva na psicanálise, a partir do momento em que o desejo do Outro, e não do sujeito criança, ganha primazia? A gente poderia até, numa primeira aproximação, pensar que essa virada foi possível para Lacan por força da sua formação hegeliana através de Kojève, que ensinou que o desejo do sujeito é o desejo do Outro, fórmula que talvez fosse estranha ou secundária na formação de Freud.²³

Podemos dizer a partir disso que a operação começa no Outro. Quer dizer, é a partir de uma moção desejante do Outro que o sujeito não só responde efetivamente, como também ganha existência subjetiva. A partir de então a questão do sujeito e do Outro com o objeto inclui a questão do ser, e não somente de ter ou não ter o objeto. Essa seria a parte mais importante da virada que estou supondo. Não somente a criança entra em rivalidade com o pai na disputa pelo amor materno, que é o enquadramento clássico do Édipo freudiano, como também se constitui como resposta ao desejo da mãe. A sua vinda para o mundo resolve, até certo ponto, a incógnita da metáfora paterna. A criança na metáfora paterna é o *a mais* de que Marcus André falava e que é necessário à operação metafórica.

Em “A Instância da letra”, Lacan coloca o sinal menos (-) na metonímia e o sinal mais (+) na metáfora. Com este mais, Lacan indica que passa a existir uma significação nova, que não é nem um significante e nem o outro do esquema clássico da metáfora. Existe um agregado, um adendo na operação metafórica, que na metáfora paterna significa a vinda ao mundo de um sujeito humano: o Outro me deseja ou não, e isso implica em eu existir ou não.

É no plano, portanto, da existência subjetiva, que incide o desejo temperado pelo significante do nome do pai. A questão não é simplesmente de saber se minha mãe me ama ou não - porque para dizer isso já se exige o tempero significante: a questão é igualmente de saber se eu existo ou não. Ainda no artigo sobre a família, Lacan trata disso com pontos muito precisos na parte sobre o desmame. É um artigo grande, mas seria muito interessante ler pelo menos as partes que tratam do desmame e do Complexo do Édipo, e que podemos articular com os *Seminário 4* e *Seminário 5*.

Ainda sobre a questão do desejo materno, chamo a atenção de vocês para este trecho do *Seminário 4*. A frase tem um movimento complexo, eu vou ler bem devagar:

Para satisfazer o que não pode ser satisfeito, a saber, esse desejo da mãe que em seu fundamento é insaciável, a criança por qualquer caminho que siga engaja-se na via de fazer a si mesma de objeto enganador. Esse desejo que não pode ser saciado trata-se de enganá-lo.²⁴

Vocês estão vendo como a produção sintomática inclui a relativização de um desejo que no seu fundamento é insaciável?

Lacan continua:

Precisamente na medida em que mostra à sua mãe aquilo que não é, constrói-se todo o percurso em torno do qual o eu assume sua estabilidade.²⁵

É claro que essa citação mereceria uma discussão bem mais longa. É uma definição na qual cada um dos elementos teria que ser considerado isoladamente. A mãe, para *ter* o objeto da sua impossível satisfação, demanda algo do *ser* da criança, e não algo que a criança teria. É justamente aqui que incide a necessidade de enganar.

Eu me lembrei de um conto de Hoffman, que se chama “A noite de São Silvestre”. Nesse conto, um alemão, Erasmo, vai para a Itália e se apaixona por uma linda mulher chamada Giulietta. Ao longo do conto, vamos entender que essa mulher é na verdade o demônio. E quando ele deve voltar para Alemanha e para sua família, Giulietta lhe diz: “tudo bem, você vai, mas eu fico com a sua sombra”. E em seguida completa com uma frase terrível: “eu fico com esse sonho do teu ser”.²⁶ A sombra como sonho do ser. É uma boa ilustração literária do que Lacan está chamando de desejo insaciável.

Talvez possamos definir, pelo menos provisoriamente, o desejo insaciável como aquele desejo em que a falta dessa temperagem do significante Nome do Pai leva a uma demanda, por parte do Outro, do ser em lugar do ter. Ou seja, é um desejo que não permite negociação. O único objeto que poderia a rigor saciar um desejo insaciável por parte da mãe passa pela destruição do filho. Essa seria outra maneira de dizer que esse desejo incide não simplesmente sobre o ter ou não, mas sobre o ser ou não. É nesse ponto precisamente que intervém, por força da metáfora paterna, a possibilidade da criança responder sem ser com seu próprio ser. A criança responde apresentando-se como *x*, como a significação que se procura. Há inicialmente um dilema: ou ela responde com os recursos da metáfora ou responde no Real com a própria destruição.

Falo imaginário e vazio

Vocês lembram da Esfinge, cujo enigma Édipo resolve. A pergunta que o monstro fazia aos passantes era a seguinte: o que é que tem quatro pernas de manhã, duas de tarde e três à noite? Quem não conseguisse resolver, era devorado pela Esfinge, ou seja, pagava um preço no real. Édipo, depois de pensar um pouco, responde que é o homem, que engatinha na infância, anda com duas pernas a maior parte da vida, e usa uma bengala ao envelhecer. Nesse momento, a Esfinge se precipita no abismo e morre. Havia então a possibilidade de se responder no simbólico, na metáfora, como faz Édipo, sob pena de pagar o preço no real.

O que é exatamente fazer de si mesmo um objeto enganador? Não é se destruir. Hans não se destrói, Hans responde fazendo de si mesmo um objeto enganador, é o que diz Lacan. Ou seja, responde ao desejo materno, e ao mesmo tempo o recusa.

E quê objeto é esse que pode ser dado à mãe como resposta à sua demanda, e que não passa pela destruição do sujeito? É o que Lacan chama de falo imaginário. A criança não é um falo, logo, não é um falo imaginário, mas age como se fosse. Trata-se de uma necessidade de estrutura. Uma mulher não pode ter um filho sem que passe por essa dimensão de pedir um objeto que não vai ser dado. Os dois são enganados, filho e mãe, segundo a frase de Lacan. E a vantagem, se posso dizer assim, do falo imaginário, é que com ele, contrariamente ao que seria o seu ser no real, a criança pode negociar com o Outro, e ao mesmo tempo responder, atender e recusar o seu desejo.

Dá para se ter uma idéia do que quer dizer um desejo temperado, ou melhor, um objeto temperado pelo significante e que atende num certo sentido ao desejo materno? Essa é a posição de Lacan no *Seminário 4* para explicar a constituição de uma neurose. A gente pode e vai sem dúvida outras vezes tentar ver isso no âmbito da perversão e da psicose. Mas enfim, na neurose se trata de uma negociação com o Outro que leva em conta o que estou chamando de um temperamento através do significante do nome do pai daquilo que seria o infinito do desejo materno.

Outra situação clínica de que Lacan trata no *Seminário 4* é a anorexia. Lacan afirma que não é que a criança anoréxica não coma nada: Lacan positiva a frase dizendo que, justamente, ela *come nada*. Lacan acrescenta que quando a criança come nada, ocorre uma transformação, uma inversão na dependência: se a criança era dependente da mãe, com a anorexia é a mãe que passa a ser dependente da criança.²⁷

Nós sabemos o quanto os adultos passam a depender de uma criança que não come nada. Lacan vai dizer também que existe uma espécie de transferência da angústia: a criança anoréxica não se manifesta como um sujeito angustiado, enquanto todos os adultos que a cercam se angustiam. Quem já conversou com uma mãe ou pai de criança anoréxica sabe o que estou dizendo, como eles passam a depender da criança, de cada mínima colherada que ela aceita ou não, e de como a angústia passa para eles. A criança para se proteger da destruição -a gente fala como pode, claro que não é exatamente assim-, acena para a mãe com a realidade do falo imaginário que é ela própria. A significação do desejo é uma enganação, a partir do momento em que esse desejo é temperado por um significante.

Há um engano do lado da criança, que evidentemente não é o falo, e existe um engano do lado da mãe, que não poderia ser completada pelo falo. Lacan usa uma expressão bonita, ele chama isso de “dialética intersubjetiva do engodo”²⁸, uma expressão muito precisa apesar da palavra intersubjetiva ter desaparecido do ensino de Lacan mais adiante. Dialética intersubjetiva do engodo nos faz pensar um pouco naquele encontro do baile de máscaras que Lacan comenta: descobre-se que não era ela e nem tampouco era ele, quando um tira a máscara diante do outro. Parece-me que essa dimensão intersubjetiva do engodo não foi substituída, mas recoberta, pela noção de semblante, que vai ter uma importância cada vez maior no ensino de Lacan.

Existe um operador simbólico que permite a passagem do real para o imaginário, e, digamos assim, preside a construção do semblante. Esta é uma das funções do significante do nome do pai. Sabe-se que na clínica das fobias essa passagem inclui uma mudança, uma transformação no plano dos afetos que é amplamente conhecida, sobretudo por aqueles que trabalham com crianças: com a eleição do objeto fóbico, ocorre uma certa sedação da angústia e aumenta a importância do medo. No caso Hans isto pode ser visto na passagem que o menino faz, dos primeiros sinais da angústia através da agorafobia, até a instalação do cavalo como objeto fóbico.

Discussão

Marcus: Um pequeno comentário antes do debate. Fiquei com a impressão que a gente trabalhou do *Seminário 4* pro *Seminário 5* então ao mesmo tempo que é complementar ficou faltando uma articulaçãozinha. A cada vez em que aparece a dialética ou a dança entre mãe e filho o que o *Seminário 5* vem marcar é que essa dialética não teria solução, seria uma impossibilidade se não houvesse o significante do nome do pai. E o que seria isso mais claramente? Seria a articulação entre um nome vazio e um gozo. A gente vai ter que chamar de gozo mesmo, senão vai confundir. O desejo não é o que está antes, é o que está depois ou durante. Então vamos falar de gozo. Ela está lá, ela goza daquela criança. Se ela puder falar do sobrenome do pai. Eu acho que se desloca mais pro plano da mãe no *Seminário 5*. Se ela puder falar do sobrenome do pai, se o sobrenome do pai tem lugar no discurso da mãe então a mãe tem o furo no seu discurso. Porque o sobrenome não quer dizer nada. O sobrenome é um puro vazio. É muito diferente da mãe dizer: “Eu não posso ficar com você porque eu tenho que agradar o seu pai.” Qualquer coisa que fosse uma pessoa entrando aqui, no caso uma criança que está vivendo como extensão da mãe, qualquer coisa que entrasse no sentido de um terceiro ele seria vivido também como uma extensão da mãe. Porque a mãe é um Outro todo poderoso em que ele está, em que ele é apenas um pedaço dessa mãe, um pai que viesse dizer “Sai daí!” ia ser apenas mais uma confusão na dança em que estamos metidos. É preciso que a mãe sinalize com o vazio. É muito mais do lado da mãe no *Seminário 5*. A mãe e o pai, mas o pai apenas como sobrenome localizado no discurso da mãe. “Eu estou com você, mas estarei com o sobrenome do pai. O significante mais pragmaticamente é o furo no discurso da mãe. Alguma coisa assim. Acho que estamos complementando, né?”

Romildo: Parece haver uma pequena diferença, que se pode ver a partir do *Seminário 4* e não do *Seminário 5*, que é a função do pai real. No caso da irrupção da fobia, não se tratava de uma falha no funcionamento de um operador simbólico, mas da falta da palavra de alguém, que é o pai real. No *Seminário 4*, fica bem caracterizado que para Lacan isso é uma falha. Temos que reconhecer que há um certo realismo na concepção da etiologia da fobia no Lacan do *Seminário 4*. Hans ficou fóbico porque houve alguém que não falou, se posso resumir a questão de maneira bem sucinta. É claro que a noção de real, quando Lacan falava do pai real em 1956-1957, não é a mesma que ele vai explorar mais tarde, como um equivalente do impossível. Esta discussão é bem importante, e poderia ser retomada, por exemplo, a partir de uma definição dada certa vez por Lacan, ao ser perguntado sobre o que é o pai real: “o pai real é o espermatozóide”, respondeu.

Marcus: Temos só que tomar cuidado com essa ideia. Para Hans haveria homens e mulheres e os homens tem que servir para dizer não a mãe? É muita sexualização já antes mesmo da diferença sexual estar implantada. O Lacan no *Seminário 5* está marcando uma coisa anterior. Não haverá homens se não houver furo no discurso da mãe.

Romildo: Claro, claro. É evidente que a operação simbólica não é personificada por ninguém. O que Lacan diz no *Seminário 4* é que o que desencadeia a fobia de Hans é uma omissão do pai real. O significante funciona na medida em que ganha carne. Existe uma ação, uma atuação de um real. E esse real, no caso de Hans, é um homem, é o Max Graf, seu pai.

Marcus: Mas então, poderia ser outra coisa que não um homem.

Romildo: Poderia ser outra coisa além de um homem, claro. O pai real poderia ser uma outra criança, uma mulher, ou um extra-terrestre. O que é essencial é que a função simbólica não seja imaterial. Evidentemente que não precisa ser o pai da criança, com registro no cartório. Mas a função de pai real exige a atuação de alguém que diz não. E que também diz sim, de preferência não ao mesmo tempo.

O debate a seguir não foi transcrito.

♦ Primeiro encontro do Curso Livre do ICP-RJ, ocorrido na Escola Brasileira de Psicanálise – Seção Rio em 15/09/2011 (transcrição de Daniele Menezes, revista pelos autores).

¹ O pai se encontra no ponto em que se tece um “nó estreito” do desejo com a Lei (cf. *O Seminário livro 7, A ética da psicanálise*, Rio de Janeiro, JZE, 1988, p. 217).

² *Ibid*, p. 145 e seguintes.

³ Lacan, J. *Outros Escritos*, Rio de Janeiro, JZE, 2003, p. 369.

⁴ Lacan, J. *O Seminário livro 21 Os não tolos erram*, inédito, lição de 19/3/1974: “Hay una historia, aunque no sea forzosa mente la que se cree, lo que vivimos es muy precisamente esto: que curiosamente la pérdida, la pérdida de lo que se soportaría en la dimensión del amor, si es efectivamente no la que yo digo —yo no puedo decirla—, a ese Nombre del Padre se sustituye una función que no es otra cosa que la del “nombrar para” [nommer á]. Ser nombrado para algo, he aquí lo que desputa en un orden que se ve efectivamente sustituir al Nombre del Padre. Salvo que aquí, la madre generalmente basta por si sola para designar su proyecto, para efectuar su trazado, para indicar su camino. Si definí el deseo del hombre por ser el deseo del Otro, esto es lo que se señala en la experiencia. E incluso en los casos donde, por azar, ocurre que por un accidente ella no esté más allí, es sin embargo ella, ella, su deseo, lo que señala a su crió ese proyecto que se expresa por el “nombrar para”. Ser nombrado para algo, he aquí lo que, para nosotros, en el punto de la historia en que nos hallamos, se ve preferir —quiero decir efectivamente preferir, pasar antes— lo que tiene que ver con el Nombre del Padre. Es bien extraño que aquí lo social tome un predominio de nudo, y que literalmente produzca la trama de tantas existencias; él detenta ese poder del “nombrar para” al punto de que después de todo, se restituye con ello un orden, un orden que es de hierro.”

⁵ Lacan, J. *Outros Escritos*, p. 465.

⁶ Lacan, J. *O seminário livro 22 RSI*, inédito, lição de 21/01/75 “Un padre no tiene derecho al respeto, si no al amor, más que si el dicho, el dicho amor, el dicho respeto está —no van a crearle a sus orejas— père-versement (13) orientado, es decir hace de una mujer objeto a minúscula que causa su deseo. Pero lo que esta una mujer con minúscula: a-coge de ello, si puedo expresarme así, no tiene nada que ver en la cuestión. De lo que ella se ocupa, es de otros objetos a minúscula, que son los hijos, junto a los cuales el padre sin embargo interviene, excepcionalmente en el buen caso — para mantener en la represión (répression (14)), en el justo medios (15) si me permiten, la versión (version) que le es propia por su perversión (perversion (16)), única garantía de su función de padre (père), la cual es la función, la función de síntoma tal como la he escrito ahí como tal”.

⁷ Lacan, J. *O Seminário livro 5, Rio de Janeiro, JZE, 1998, 185.*

⁸ Lacan, J. *Escritos*, Rio de Janeiro, JZE, 1998, p. 519.

⁹ Que se experimente aqui: “nas curvas do teu corpo capotei meu coração”, frase de pára-choque de caminhão que tema a vantagem de já indicar que a metáfora localiza mais do que ideias e um real abstrato.

¹⁰ Lacan, J. *Escritos*, Rio de Janeiro, JZE, 1998, p. 512.

¹¹ Leminsky, P. *La vie em close*, São Paulo, Brasiliense, 1991, p. 163.

¹² Marcuschi, L. A. *Fenômenos da linguagem*, Rio de Janeiro, Lucerna, 2007, p. 84 e 123.

¹³ Lacan, J. *Escritos*, Rio de Janeiro, JZE, 1998, p. 508.

¹⁴ Ela serve inclusive para delimitar uma para-mãe, a psicótica, com a metáfora delirante, da qual falaremos no encontro dedicado à mãe de Joyce.

-
- ¹⁵ Freud, S.: *Obras Completas*, Imago, 1996, Vol. XVII. P. 167.
- ¹⁶ Freud, S.: "Sexualidade feminina", *Obras Completas*, Imago, Vol. XXI, p. 235.
- ¹⁷ Lacan, J.: "Uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose", *Escritos*, JZE, Rio de Janeiro, 1998, p. 563.
- ¹⁸ Lacan, J. "A instancia da letra no inconsciente ou a razão desde Freud", *Escritos*, p. 519.
- ¹⁹ Cf. Lacan, J. *O Seminário, livro 4: A relação de objeto*, 6/3/57.
- ²⁰ Lacan, J.: "Os complexos familiares na formação do indivíduo", *Outros Escritos*, JZE, Rio de Janeiro, 2003, p. 42-51. V. também Lacan, J.: *A relação de objeto*, p. 264-265.
- ²¹ Cf. Freud, S.: "Análise de uma fobia em um menino de cinco anos", *Obras Completas*, Vol. X, p. 29.
- ²² Quanto a Lacan, já em 1938 ele fazia uma alusão à importância, na gênese da neurose, da "ternura excessiva" da mãe, ou do seu contrário, uma "secura paradoxal de severidades mudas". V. Lacan, J.: "Os complexos familiares na formação do indivíduo", *Outros Escritos*, JZE, Rio de Janeiro, p. 87.
- ²³ Sobre essa questão, cf. Martinho, J. "O desejo é o desejo do Outro", disponível em <http://acfpportugal.com/cartaacf/carta%203.pdf>.
- ²⁴ Lacan, J. *O Seminário livro 4, A relação de objeto*, p. 198.
- ²⁵ *Ibid.*
- ²⁶ E.T.A. Hoffmann, in *Contes*, Folio-Gallimard, pág. 401.
- ²⁷ Lacan, J. *A relação de objeto*, JZE, Rio de Janeiro, 1995, p. 188.
- ²⁸ Lacan, J. *A relação de objeto*, p. 198.